

PORTFOLIO >>> BENÉ FONTELES



Corpo em Obra, ensaio fotográfico de Mario Cravo Neto, 1983
São Paulo

RITOS DE BENÉ FONTELES

Ouviu-se ao longe um assobio, ecoou do fundo da mata. Seria um animal? Um ente da natureza? Ou ainda os espíritos dos antepassados?

Bené Fonteles é um artista vigoroso. Sua produção dialoga com matrizes da cultura brasileira, mitos e referências de várias culturas. Arte ambiental, performance, arte-política, tudo se mescla no fluxo de sua vida. O artista xamã ativa forças atávicas e nos conclama a uma viagem por regiões por vezes pouco exploradas, convidando-nos a um despertar, ora interior, ora em relação ao mundo em que habitamos.

Em um caminho poético, Fonteles coleciona e ativa objetos, vestígios, memórias de experiências que traz para o campo da arte e da transcendência. Organiza pedras como totens na paisagem. Sua militância pela natureza vem de décadas, da mesma forma como a sua compreensão sobre o papel do homem em relação a terra - Gaia - se manifesta. Talvez possamos intuir que a produção desse artista xamã dê-se exatamente em um território de experimentação de vida, em que o sujeito ativa seus espaços como territórios de potências cerimoniais.

Antes Arte do que Tarde é o título de um ambiente ritual que desenvolve desde os anos 1970. Também percebemos rituais distintos, como *assentamento da ex-cultura Xangô*; *rituais com a paisagem* até chegarmos à constituição da *OcaTaperaterreiro*, criado para a 32ª Bienal de São Paulo, todos como forma de acionar campos de potências para a vida e para *o corpo em obra*.

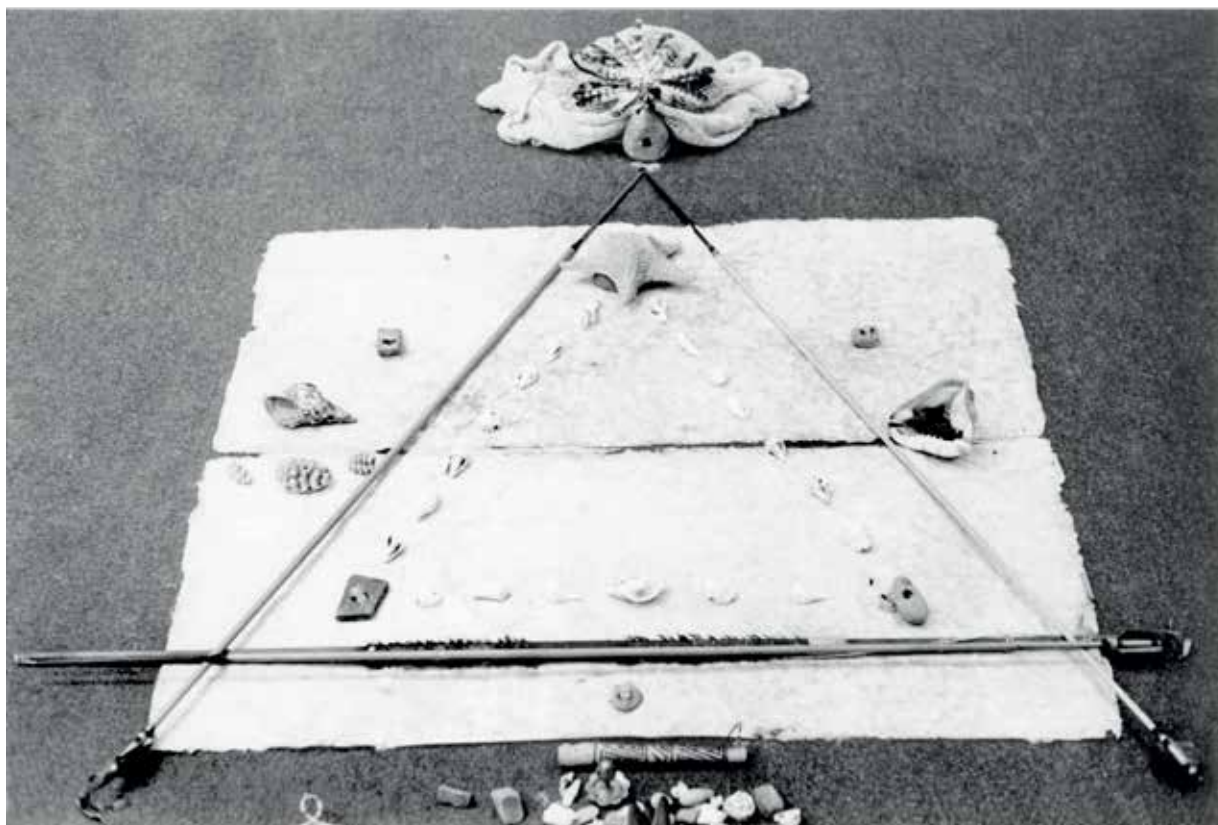
Bené Fonteles se faz presente onde se propõe e amálgama suas experiências de vida, objetos coletados, energias captadas em meio a sudários, mesas, altares e processos. São colagens, arte postal, assemblages, que se somam a uma posição política de estar no mundo, atravessadas por mitopoéticas que permeiam sua busca enquanto sujeito que transpira em sua arte o invisível do instável da vida.

E que escolhamos antes arte do que tarde. O mundo nos chama!

Orlando Maneschy



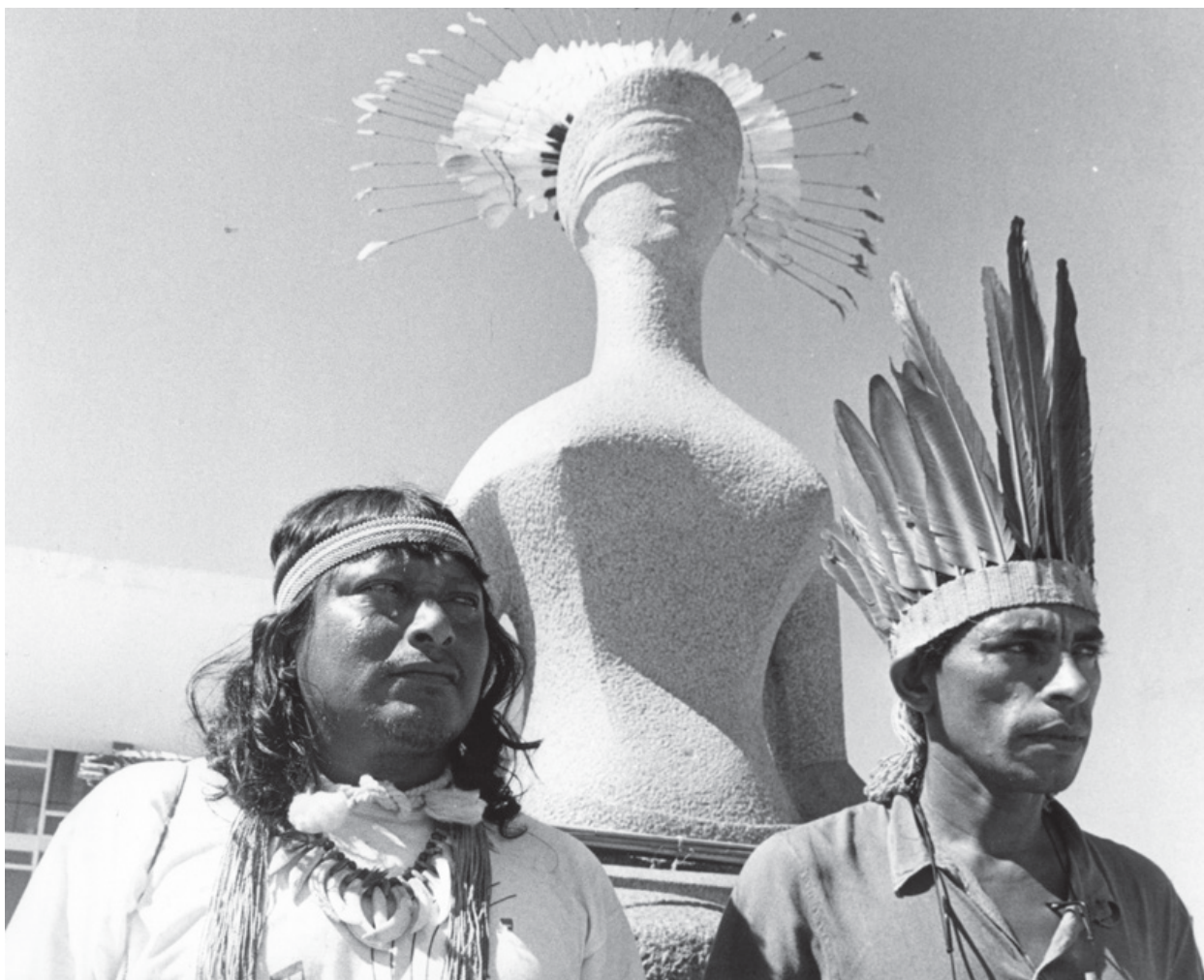
Antes arte do que tarde – ambiente ritual no Instituto Cultural Brasil-Alemanha, 1977
Salvador.



Antes arte do que tarde – ambiente ritual no Instituto Cultural Brasil-Alemanha, 1977
Salvador.



Sem título, 1980
Colagem-xerografia.



Em 1996, em parceria com o Cimi-CNBB, cria para a manifestação sócio-cultural na Praça dos Três Poderes, em favor da demarcação das terras indígenas, uma interferência com cocar e flechas na escultura representando a justiça, de Alfredo Cheschiatti. A manifestação produziu fortes e contundentes imagens que ocuparam as capas dos principais jornais no país e no exterior.



Manifestação–interferência na escultura que representa a justiça com cocar, dois índios Carajás-TO, 1996
Praça dos Três Poderes – DF.



Ritual de assentamento da ex-cultura Xangô, fotos de Mário Friedlander, 1988
Chapada dos Guimarães – MT.



Ritual de assentamento da ex-cultura Xangô, fotos de Mário Friedlander, 1988
Chapada dos Guimarães – MT.



Rituais com a paisagem, fotos de Mário Friedlander, 1980
Chapada dos Guimarães – MT.



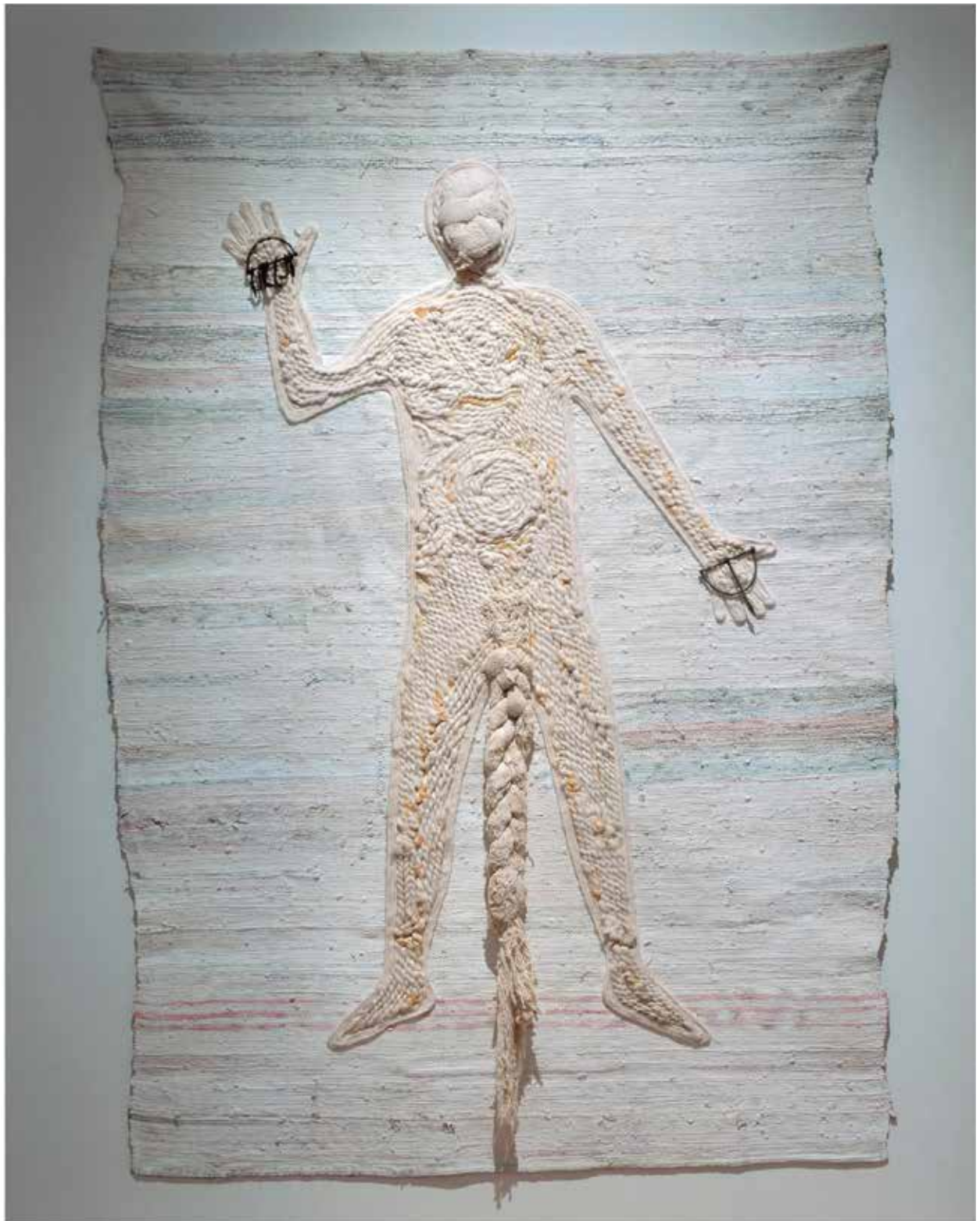
Áudiovisual A Natureza do Artista, fotos Sérgio Guimarães, década de 1980
Chapada dos Guimarães – MT.



A santa ceia brasileira, foto Mila Petrillo, 2005
Brasília-DF.



O poeta/Xamã, foto de Mila Petrillo, entre 1999 e 2004
Brasília, São Paulo e Curitiba.



Sudário | Ogum-Oxóssi, 2003/2004
Brasília-DF.



Sudário | Oxóssi, 2001
Brasília-DF.



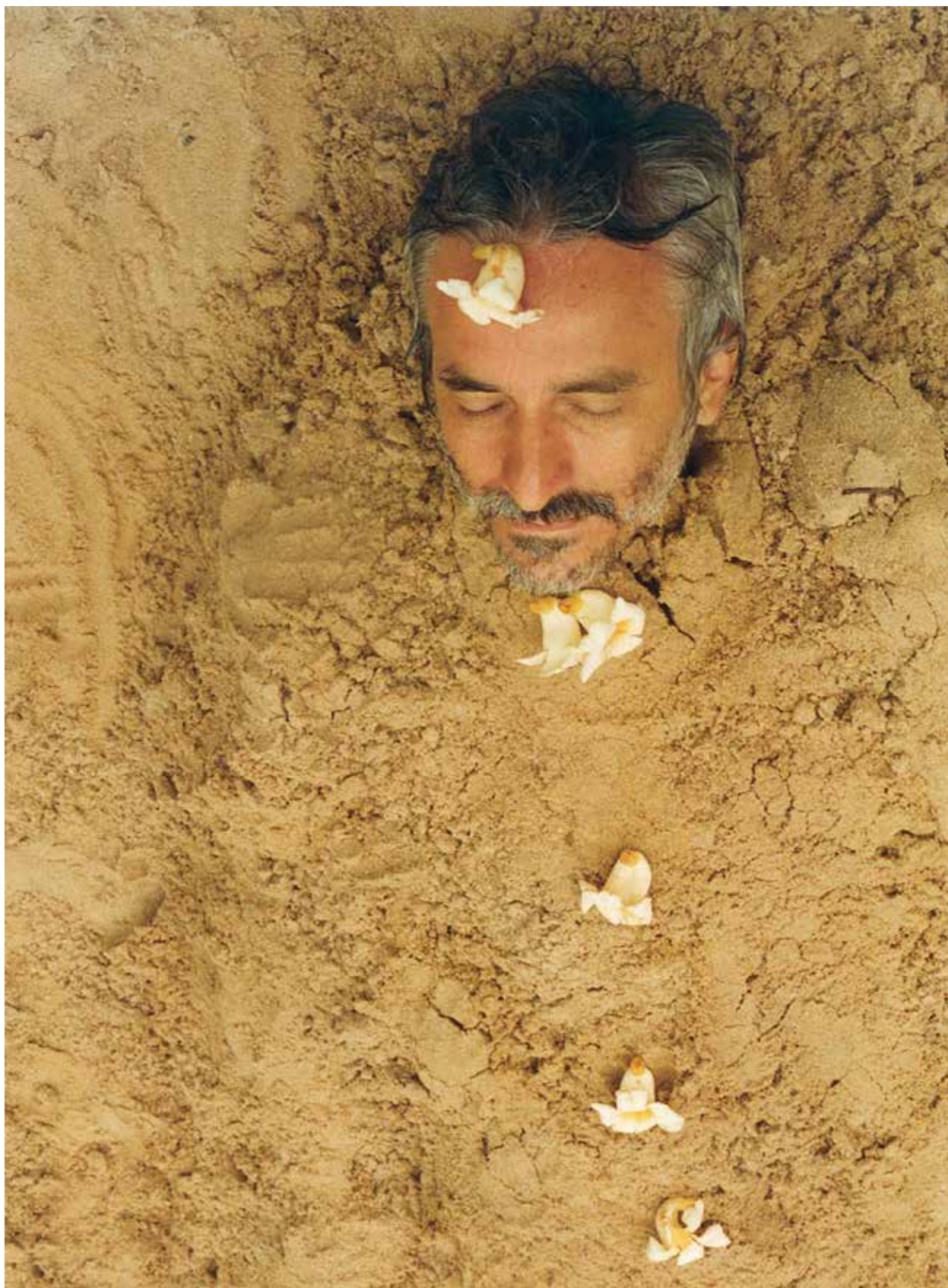
Sudário | Morte e ressurreição, 2001
Brasília-DF.



S/Título, 2009
Museu de Arte Contemporânea do Ceará.



Corpo em obra, fotos de Yara Magalhães, 1990
Pirenópolis-GO.



Corpo em obra, fotos de Yara Magalhães, 1990
Pirenópolis-GO.



Cachoeira Cristal, foto de Sérgio Guimarães, 1980
Chapada dos Guimarães – MT.



Xangô, foto de Mario Friedlander, 1987
Chapada dos Guimarães – MT.



Altar na OcaTaperaterreiro, foto Fundação Bienal de SP, 2016
32ª Bienal de São Paulo – SP.



Rituais na OcaTaperaterreiro, foto Fundação Bienal de SP, 2016
32º Bienal de São Paulo – SP.



OcaTaperaterreiro, foto da Fundação Bienal de SP, 2016
32º Bienal de São Paulo – SP.





Ritual no Instituto Tomie Ohtake, fotos de Duda Gulman e Leandro, 2018
São Paulo-SP.



Ritual no Instituto Tomie Ohtake, fotos de Duda Gulman e Leandro, 2018
São Paulo-SP.



Tempo Tempo Tempo Tempo, arte ambiental, espaço para vivências e contemplação da paisagem, 2018
Usina de Arte – PE.





Tempo Tempo Tempo Tempo, arte ambiental, espaço para vivências e contemplação da paisagem, 2018
Usina de Arte – PE.



Orlando Franco Maneschy (Texto).

Pesquisador, artista, curador independente e crítico. Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Desenvolveu estágio pós-doutoral na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. É professor na Universidade Federal do Pará, atuando na graduação e pós-graduação. Coordenador do grupo de pesquisas Bordas Diluídas (UFPA/CNPq). É articulador do Mirante - Território Móvel, uma plataforma de ação ativa que viabiliza proposições de arte. Curador da Coleção Amazoniana de Arte da UFPA. Como artista tem participado de exposições e projetos no Brasil e no exterior, como: Outra Natureza, Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, 2015; Horizonte Generoso – Uma experiência no Pará, Galeria Luciana Caravello, Rio de Janeiro, 2015; Transborda, Galeria Casa Triângulo, São Paulo, 2015; Triangulações, Pinacoteca UFAL – Maceió, CCBEU – Belém e MAM – Bahia, de set. a nov. 2014; Pororoca: A Amazônia no MAR, Museu de Arte do Rio de Janeiro, 2014 etc. Recebeu, entre outros prêmios, a Bolsa Funarte de Estímulo à Produção Crítica em Artes (Programa de Bolsas 2008); o Prêmio de Artes Plásticas Marcantonio Vilaça / Prêmio Procultura de Estímulo às Artes Visuais 2010 da Funarte e o Prêmio Conexões Artes Visuais - MINC | Funarte | Petrobras 2012, com os quais estruturou a Coleção Amazoniana de Arte da UFPA, realizando mostras, seminários, site e publicação no Projeto Amazônia, Lugar da Experiência. Realizou, as seguintes curadorias: Projeto Correspondência (plataforma de circulação via arte-postal), 2003–2008; Projeto Arte Pará 2008, 2009 e 2010; Amazônia, a arte, 2010; Contra-Pensamento Selvagem dentro de Caos e Efeito, com Paulo Herkenhoff, Clarissa Diniz e Cayo Honorato, 2011; Projeto Amazônia, Lugar da Experiência, 2012, dentre outras.

Bené Fonteles (Portfólio).

José Benedito Fonteles (Bragança, PA, 1953). Artista plástico, jornalista, editor, escritor, poeta e compositor. Inicia sua carreira em 1971, expondo no 3º Salão Nacional de Artes Plásticas do Ceará. Em Fortaleza, trabalha como jornalista. Durante as décadas de 1970 e 1980, integra anualmente diversas exposições coletivas, nacionais e internacionais, ligadas à arte postal e a pesquisas de novos meios de expressão. Nesse período, participa de quatro edições da Bienal Internacional de São Paulo (1973, 1975, 1977 e 1981). Realiza, ainda, a partir de 1974, diversas mostras individuais, no Brasil e no exterior. Entre 1983 e 1986, dirige o Museu de Arte e de Cultura Popular (MACP) da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). Na década de 1980, envolve-se em projetos e movimentos voltados à preservação ecológica, procurando uni-los à criação artística. Em 1991, muda-se para Brasília, onde mantém atuação como ativista ecológico e organizador de eventos artísticos. Em 1997, organiza a montagem da sala especial do artista baiano Rubem Valentim (1922–2001), no Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM/BA). Entre os livros que publica, destacam-se O Livro do Ser (1994) e O Artista da Luz (2001), sobre Rubem Valentim. Seu trabalho como compositor está reunido no CD Benditos, lançado em 2003, que agrupa três trabalhos anteriores, Bendito (1983), Silencioso (1989) e Aê (1991). Em 2003, recebe da Presidência da República a comenda Ordem do Mérito Cultural. Coordenador do Movimento Artistas Pela Natureza há 30 anos.